



Comitê de Representantes

Aprovada na 1129ª sessão

ALADI/CR/Ata 1124
28 de outubro de 2011
Horário: 11h10m às 11h50m

ATA DA 1124ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do dia

O Comitê de Representantes recebe a visita do Excelentíssimo Senhor Presidente da República do Chile, Sebastián Piñera Echenique.

Preside:

EMILIO RAFAEL IZQUIERDO MIÑO

Assistem: Guillermo Daniel Raimondi, Gustavo Constantino García, Federico Villegas e Sergio Luis Iaciuk (Argentina); Salvador Ric Riera e Jenny Encinas (Bolívia); Otávio Brandelli, Renato Pinheiro do Amaral Gurgel, Marcus Vinicius Ramalho e Henrique Choer Moraes (Brasil); Juan Eduardo Burgo Santander e Constanza Alegría Pacull (Chile); María Clara Isaza Merchán (Colômbia); Carmen Zilia Pérez Mazón e Mirna Martínez Ajuria (Cuba); Emilio Rafael Izquierdo Miño, Gustavo Anda Sevilla e Adolfo Blum Montero (Equador); Cassio Vitale Manuel Luiselli Fernández, Dora Rodríguez Romero e Jorge Fernando Anaya González (México); Alejandro Hamed Franco, Raúl Cano Ricciardi, Elizabeth Maria Rojas Arteta, Octavio Ferreira Gini e María Elena Alvarenga (Paraguai); José Emilio Romero Cevallos, Jorge Tello, Ricardo B. Romero Magni e Jéssica Pásara Caycho (Peru); Gonzalo Rodríguez Gigena, Linda Rabbaglietti e Ivannah Garelli Ruggia (Uruguai); Julio Chirino Rodríguez, Luis Alejandro Sauce Navarro e Cecilio Crespo (Venezuela), Digna M. Donado (Panamá), Qu Shengwu (China), Yeon-Choong Choi (Coreia), Carolina Jiménez Castañeda (Costa Rica), Ana Ivette Ramírez Godoy (El Salvador), Aurora Díaz-Rato Revuelta (Espanha), Juan José Barrios Taracena (Guatemala), Luis Ramón Ortiz Ramírez (Honduras), Massimo Leggeri (Itália), Kenichi Sakuma (Japão), Joana Fisher (Portugal), Daniel Guerrero e Fausto De León Tavárez (República Dominicana), Gheorghe Petre (Romênia), Gladis Genua (CAF), John Biehl del Río (OEA).

Secretário-Geral: Carlos Alberto Alvarez

Convidados especiais: Didier Operti Badán (Ex-Secretário-Geral da ALADI), Thomas Lloyd (Encarregado de Negócios da Embaixada dos Estados Unidos no Uruguai), Stéphane Toulet (Conselheiro da Embaixada da França no Uruguai).

Comitiva Oficial: Alfredo Moreno, Ministro das Relações Exteriores; James Sinclair, Diretor-Geral de Cerimonial e Protocolo; María Irene Chadwick, Diretora de Programação de S.E., Jorge Decaret, Diretor da Agenda de Cooperação Internacional, Flavio Tarsetti, Diretor da América do Sul.

PRESIDENTE. Excelentíssimo senhor Presidente da República do Chile, Sebastián Piñera, Excelentíssimo senhor Ministro das Relações Exteriores do Chile, Alfredo Moreno, senhoras e senhores Representantes dos países-membros da ALADI, senhor Secretário-Geral da ALADI, distintos membros da Comitiva Presidencial, senhoras e senhores, em nome do Comitê de Representantes da ALADI tenho o privilégio de cumprimentar pela presença entre nós do Excelentíssimo senhor Presidente da República do Chile, dando-lhe as mais respeitadas e amistosas boas-vindas a esta sessão extraordinária e solene do Comitê de Representantes.

Sua visita, senhor Presidente, coincide com um momento de extrema importância para os trabalhos desta Organização. Efetivamente, estamos empenhados em fortalecer as ações da Associação para tornar mais evidente sua participação no desenvolvimento de nossos povos e para consolidar um papel protagonista no processo de integração regional que, felizmente, avança com a marca da vontade política de nossos Chefes de Estado e de Governo.

Como nunca em nossa história, a integração esteve nas agendas de nossos países de maneira tão franca, clara e decidida. Por isso, estamos convencidos do relevante desafio que a ALADI tem frente ao processo integral, não somente pela natureza de seus trabalhos e seus objetivos, mas também por ser, desde suas origens, um caminho confiável amparado pela pioneira e longa história.

Seguindo esta linha de ação, há poucos dias, nesta mesma sala, por iniciativa do Secretário-Geral, nossos países se reuniram com suas Delegações do mais alto nível juntamente com autoridades da UNASUL, da CEPAL e do MERCOSUL para debater, com franqueza e muita imaginação, os efeitos da crise financeira internacional e, conseqüentemente, propor critérios sobre a temática "América Latina e o Grupo dos 20, Para a Construção de Consensos na Região". Fruto desse encontro é um livro que apresentamos publicamente ontem.

Senhor Presidente, estamos otimistas em relação ao futuro da região e à contribuição da ALADI para a edificação de nossa integração. Queremos avançar nos consensos e nos acordos necessários para que sua agenda sirva efetivamente para o desenvolvimento, a cooperação, a união. Neste empenho participam ativamente todas as Delegações dos países-membros, entre as quais a Representação Permanente do Chile desempenha um papel significativo.

Senhor Presidente, todos estamos expectantes sobre os assuntos que o senhor comentará esta manhã, e, dessa maneira, detenho-me aqui. Antes de passar a palavra ao senhor Secretário-Geral, quero reiterar a enorme satisfação que temos pela honra de sua grata visita. Muito obrigado.

SECRETÁRIO-GERAL. Senhor Presidente Sebastián Piñera Echenique, senhor Chanceler Alfredo Moreno, senhor Embaixador Juan Eduardo Burgos, Legisladores parte da Comissão do Presidente, Embaixadores e Representantes junto à ALADI, Países Observadores, Embaixadores de outros países, convidados especiais.

Para a ALADI e para nós, é um acontecimento muito importante a sua visita, Presidente, primeiro porque sempre é um fato transcendente receber um Presidente latino-americano, eleito pela maioria de seu povo, eleito com legitimidade democrática, e, obviamente, é muito importante a visita do Presidente de Chile pelo momento em que a América Latina vive, como assinalado pelo Presidente do Comitê.

Depois de muitos anos, penso que, pela primeira vez, os países latino-americanos estão consolidando suas democracias, estão fazendo um grande esforço para transformar o crescimento em desenvolvimento e estão mostrando uma grande determinação política para combater o desemprego, a pobreza e a desigualdade.

Então, estamos perante um momento de revalorização da América Latina, uma revalorização da qual nós, os próprios latino-americanos, somos parte. O mundo, penso, começa a nos ver de outra maneira, e este fato de viver em uma América Latina que começa a encontrar um caminho, um rumo, e que está destinada a poder

ser, se a crise dos países do norte deixar, protagonista de uma grande década, ou, como dizem alguns, esta pode ser a década da América Latina se a crise internacional e a crise dos países desenvolvidos nos dão um pouco de trégua. Penso que isso torna mais relevante a visita do Presidente chileno, o Presidente da República irmã do Chile, a este organismo.

E digo por quê. Porque nós vemos com muita satisfação o compromisso do Chile com a integração regional, e como este processo de integração continua sendo levado adiante com pluralidade ideológica, com diversidade de visões, e responsabilizando-nos pela necessidade e pela obrigação de construir unidade na diversidade, sendo absolutamente conscientes de que temos diferentes olhares, mas que é necessário construir uma visão comum na América Latina.

Então, coincidindo com as palavras do Presidente do Comitê, agradecemos muito, Presidente, pela deferência de vir à sede da ALADI para deixar-nos algumas palavras a favor da integração regional, que, penso, é um dos grandes desafios da região atualmente. Muito obrigado.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO CHILE (Sebastián Piñera Echenique). É um grande privilégio poder compartilhar com os senhores, no dia de hoje, algumas reflexões sobre um tema central de nosso continente, como a integração. Quero agradecer ao Embaixador Emilio Izquierdo, agradecer ao Secretário-Geral Carlos Alvarez, cumprimentar com carinho e respeito os Representantes Permanentes da ALADI e também os Embaixadores dos Países Observadores e dos Organismos Internacionais.

Há muito tempo, um grande pensador francês que, quando morreu, gerou um acontecimento de grandes repercussões disse – refiro-me a Victor Hugo –: “não há nada mais forte no mundo que uma ideia cujo tempo chegou”.

Penso que falo em nome de todos ao dizer que o tempo da integração na América Latina chegou há muito tempo, mas hoje tem uma urgência, uma importância como nunca antes havia tido.

E por uma razão muito simples: porque hoje em dia estamos vivendo um mundo novo, este mundo novo que surgiu no final da década de 80, quando os muros caíram. Este mundo globalizado é um mundo que está derrubando as fronteiras não somente das soberanias e das jurisdições dos Estados, mas que também está derrubando as fronteiras dos problemas da sociedade moderna. Hoje em dia os problemas do comércio, dos direitos humanos, do narcotráfico, do aquecimento global, do protecionismo já não podem ser enfrentados com eficácia no âmbito dos governos nacionais. Requer-se essa integração para unir forças, para enfrentar esses novos problemas.

E para isso aponta a essência do objetivo de integração.

Nós vemos como foram sendo criadas muitas instituições para enfrentar este tipo de problemas novos: a Corte Penal Internacional de Roma, a Rodada de Doha, o Tratado de Kyoto, as Cláusulas Democráticas que incorporamos em nossos acordos internacionais, mas sinto que estamos em dívida como continente no tema de Integração, a Integração com maiúscula, não somente de intercâmbio livre de bens, mas de serviços, de investimentos, de pessoas, e também a integração física, a integração energética e, obviamente, a maior coordenação e colaboração em matérias

políticas e em matérias culturais, porque, no final das contas, na unidade de nossa região, sem dúvidas, está nossa força e em nossas divisões estiveram sempre nossas debilidades.

E sabemos que este mundo novo se enfrenta muito melhor e suas vantagens são aproveitadas com maior profundidade se formos capazes de unir-nos para adequar-nos e integrar-nos a este mundo que está emergindo, que é o mundo da sociedade do conhecimento, da informação, da globalização, que será extraordinariamente generoso em oportunidades para aqueles países ou grupos de países ou continentes que quiserem assumir seus desafios. Não obstante, sabemos que será indiferente, inclusive cruel, com aqueles países ou continentes que simplesmente não souberem ler os sinais dos tempos, não souberem tomar as oportunidades em suas mãos e as deixarem passar.

Por isso, a globalização que estamos vivendo hoje em dia exige um maior esforço de unidade e de integração.

Muitos pensam que talvez sós possamos andar mais rápido, mas todos sabemos que juntos vamos chegar mais longe e vamos avançar com maior segurança.

Desse ponto de vista, nesse mundo moderno, que é um mundo de tratados, de alianças, em uns poucos dias será dado, talvez, um grande passo na integração mais poderosa que existiu na história da humanidade, que é o *Transpacific Partnership*, uma aliança do Pacífico, com países do mundo asiático, com países do mundo americano, que pode transformar-se na integração econômica mais importante do ponto de vista de habitantes, de produto e de comércio do mundo.

Mas, além disso, na América Latina, sem dúvidas, temos tudo, e tivemos tudo, para avançar em uma verdadeira integração.

Esse sempre foi o sonho dos fundadores de nossas Repúblicas. Temos 21 países, incluindo o Haiti e Porto Rico, 600 milhões de habitantes, 8,6% da população mundial, um continente fértil, extenso, fecundo, que vai desde o sul do Rio Grande até a Patagônia, e que tem, também, uma enorme superfície e um enorme potencial, 21 milhões de quilômetros quadrados, o que representa 14% da superfície que conseguiu surgir do mar, do continente.

Mas, também temos muito mais do que isso. Temos uma história em comum. Tivemos períodos históricos praticamente coincidentes, o período da Conquista, a Colônia, a Independência, a República, e este renascimento da América Latina que surgiu de forma muito simultânea em todos os países.

E também tivemos coincidências inclusive em nossas evoluções do ponto de vista da democracia.

Quase todos os países da América Latina tiveram governos não democráticos na década de 70 e de 80. Quase todos os países da América Latina, com raras exceções, hoje em dia são países democráticos. E, portanto, também neste sentido, a história tende a mover-nos em uma mesma direção.

Temos dois idiomas irmãos: o português, 190 milhões de falantes, e o espanhol, 360 milhões de falantes. Além, também, de outros idiomas, como o francês, no Haiti, ou o inglês em Belize ou nas Bahamas.

Temos, também, uma tremenda homogeneidade cultural, religiosa, de valores, de princípios.

Praticamente, diferentemente da Europa, não tivemos guerras durante o século passado, com exceção da Guerra do Chaco, entre o Paraguai e a Bolívia, ou a guerra entre a Colômbia e o Peru pelo Rio Putumayo, ou a Guerra do Cóndor e Cenepa, foram episódios não significativos e, portanto, o século passado foi um século de paz, e o século em que estamos vivendo também.

Além disso, defrontamos os dois maiores oceanos do mundo, o Pacífico e o Atlântico, e temos, conseqüentemente, as duas conexões mais importantes entre esses dois oceanos, o Canal do Panamá e o Estreito de Magalhães.

Somos, além disso, um continente jovem ainda. Em comparação com o resto do mundo, a América Latina é um continente jovem. Somos muito ricos nas energias do século XXI. Temos 33% dos recursos hídricos do mundo, temos, também, um tremendo potencial nas energias novas, renováveis, limpas, como a energia do Sol, do vento, das marés, a geotermia. Temos também um grande potencial em biomassa. Alcançamos uma tremenda maturidade, tanto institucional quanto democrática, e hoje em dia estamos preparados para enfrentar os desafios que, de certa forma, até agora não havíamos sido capazes de enfrentar. Porém, este continente maravilhoso, com tudo o que pude descrever, continua, no entanto, sendo um continente subdesenvolvido; nenhum de seus países conseguiu derrotar o subdesenvolvimento nem superar a pobreza.

Além disso, somos um continente que não soube aproveitar todo seu potencial.

Durante muito tempo pensávamos que as culpas e as responsabilidades não estavam dentro de nosso continente. Hoje em dia sabemos que o que acontecer ou não com a América Latina dependerá essencialmente do que nós fizermos ou não formos capazes de fazer.

O Produto Interno Bruto da região é de 5,5 trilhões de dólares, medidos em taxa de câmbio e paridade do poder aquisitivo.

E, portanto, é uma região que tem a massa crítica e a capacidade de dar esse grande salto e transformar nosso continente em um continente que consiga, por fim, deixar para trás o subdesenvolvimento e derrotar a pobreza.

Mas temos também alguns calcanhares de Aquiles e algumas fraquezas que temos que ser capazes de enfrentar.

Uma delas é que não fomos capazes de avançar tudo o que poderíamos haver avançado em matéria de integração e não fomos capazes de reduzir os enormes níveis de desigualdade que existem entre países e dentro de nossos países.

Um terço da população da América Latina vive abaixo da linha da pobreza, 180 milhões de latino-americanos. Sem dúvidas, conseguir criar um projeto do qual todos se sintam parte, em que todos saibam que terão que colaborar -mas também que se beneficiarão deste esforço- é um dos desafios mais importantes que temos que enfrentar para poder assumir a aventura desta integração, enfrentando estas

oportunidades e desafios do mundo novo, com pé firme, construindo sobre a rocha e não sobre a areia.

Além disso, é verdade que, dentro de nosso continente, há diferentes modelos, distintas visões, e cada país tem o direito de escolher seu modelo e sua visão interna, e é indubitável que, se analisarmos os diferentes países, há distintas visões de como enfrentar o fenômeno do desenvolvimento, ou o desafio do desenvolvimento, como enfrentar o desafio da democracia, mas, além dessas diferenças, que são diferenças que devem ser assumidas, porque os países têm direito de escolher seu próprio caminho, elas não podem constituir um obstáculo para a integração. Podemos integrar-nos, apesar de nossas diferenças. Mais ainda, penso que precisamente devemos integrar-nos devido a nossas diferenças, porque, dessa forma, vamos conseguir todos juntos ter uma voz mais forte e uma projeção mais sólida neste desafio do futuro e do desenvolvimento.

A partir desse ponto de vista, gostaria de dizer que há muitos problemas na América Latina, obviamente, além daqueles mencionados, a pobreza, a desigualdade, a falta de integração, porque o problema da América Latina não é a integração, é a falta de maior integração, mais profunda, mais rápida, mais eficaz.

Há outros temas que, obviamente, abatem-nos, como os fenômenos do narcotráfico, do terrorismo, dos problemas de corrupção, os problemas com a qualidade da política e das instituições, o desafio de melhorar a qualidade da educação.

Normalmente nós pensávamos que os pilares antigos de desenvolvimento eram suficientes: uma democracia estável, uma conduta macroeconômica responsável, um modelo econômico que potenciase a iniciativa e o empreendimento. Esses pilares são necessários, mas, definitivamente, não são suficientes. Falta-nos construir os pilares novos, que vão nos permitir dar esse grande salto e cruzar esse verdadeiro deserto que significa passar do subdesenvolvimento ao desenvolvimento.

De fato, fala-se muito, na literatura moderna, da armadilha dos países de receita média. Há um livro que compara a década de 60 com a década atual e diz que somente países contados nos dedos de duas mãos conseguiram superar uma condição de pobreza na década de 60 e transformá-la em uma condição de desenvolvimento na década atual. E são muito poucos: Coreia, Singapura, Taiwan, Japão e outros poucos mais.

Infelizmente, nenhum país da América Latina conseguiu fazer essa travessia pelo deserto e dar o salto que permitisse alcançar desenvolvimento econômico, político e social.

Por outro lado, esse é o primeiro desafio que temos que empreender.

Penso que os novos pilares que temos que construir são: um, melhorar a qualidade da educação de nossos povos. O capital humano é o instrumento essencial na sociedade do conhecimento e da informação. Se no passado a má educação era pobreza, no presente e no futuro será miséria, porque sem educação não vamos poder incorporar-nos às correntes centrais desta sociedade moderna do conhecimento e da informação.

Investir mais em ciência e tecnologia. A América Latina investe menos de 1%. Os países que estão na liderança dessa área investem entre 3 e 5%.

Promover a inovação, o empreendimento, a capacidade de criar, é um terceiro pilar que temos que fortalecer.

Conseguir derrotar a pobreza e criar uma sociedade mais igualitária, é um quarto pilar básico para assumir esta tarefa.

E, obviamente, há uma necessidade de modernizar nossos Estados, que muitas vezes são criações do século XIX, remendados durante o século XX e que já não respondem às demandas do século XXI.

E revitalizar, modernizar, legitimar nossas democracias, para que recuperem plenamente sua legitimidade.

Mas há outro pilar que temos que construir, relacionado, precisamente, com os trabalhos desta Instituição, da ALADI: dar um grande salto em matéria de integração entre nossos povos.

A partir desse ponto de vista, quando comparamos a América Latina com a Europa, a Europa, que teve duas Guerras Mundiais, 40, 50, 60 milhões de mortos, que não tem essa homogeneidade da América Latina, que tem etnias, idiomas distintos, não obstante, aprendeu sua lição e, ao término da II Guerra Mundial, com a liderança de pessoas como Adenauer, De Gasperi e Haussmann, conseguiu substituir a lógica da Linha Maginot e da Linha Sigfrido, que era a lógica da guerra, das trincheiras, dos canhões, pela lógica da integração.

Embora esteja passando neste momento por problemas graves, sem dúvidas deu um verdadeiro exemplo de como iniciar uma integração que começou sendo uma integração da indústria do carvão e da metalurgia e que depois, em Roma, transformou-se em uma associação de 6 países, que, hoje em dia, já representa uma agrupação com 625 milhões de habitantes e que tem mais de 48 países.

Consequentemente, vemos que temos que fazer algo diferente do que tradicionalmente já fizemos.

Os esforços de integração na América Latina foram permanentes, desde os albores de nossas Repúblicas.

Este processo de integração, ou a Pátria Grande, como chamou Bolívar, quando tentou, nos primeiros anos de nossa independência, buscar maior integração, unidade e colaboração entre os países da América Latina, foi algo que, de certa forma, estendeu-se profundamente na América Latina.

Além disso, tínhamos uma integração natural, porque provínhamos de dois troncos, o reino espanhol e o reino português e, portanto, de certa forma estivemos integrados durante a Colônia e antes de nossa independência. Mas foi um verdadeiro esforço. De fato, a América Latina viveu mais tempo como Colônia que como República. E, portanto, aí há raízes que foram reunidas pelos próceres da independência e da pátria para buscar efetivamente esse esforço de integração.

Bolívar sonhava com a constituição de uma Pátria Grande das Américas, um projeto que foi compartilhado por muitos outros líderes de nossas independências e de nossas democracias, como é o caso de San Martín, como é o caso de O'Higgins, como é o caso de Martí, como é o caso de Rodó, e muitos mais.

E, de fato, muitos dos que iniciaram a aventura da liberdade e da independência entendiam que essa unidade era nossa fortaleza e que não aproveitar essa fortaleza e dividir as forças podia transformar-se no germe de nossa própria debilidade.

Bolívar dizia “é uma ideia grandiosa pretender formar de todo o mundo novo uma só nação, com um só vínculo, que ligue suas partes entre si com o todo. Visto que tem uma origem, uma língua, um costume e uma religião, deveria, conseqüentemente, ter um Governo que confederasse os diferentes Estados e nações que estão por surgir”. Esse era o sonho bolivariano.

Isso explica por que, finalizada a luta pela independência, houve muitas tentativas de dar uma forma a esta tentativa de integração. Por exemplo, o projeto da Grande Colômbia, que incluía em seu tempo a Colômbia, a Venezuela, o Equador, o Panamá, parte do Peru, Brasil, Costa Rica, Nicarágua e Guiana.

As províncias unidas da América Central, que foi outro projeto de integração nessa zona do mundo.

A Confederação Peru Boliviana, e muitas mais.

No entanto, de certa forma, a força das nacionalidades, das identidades locais preponderou sobre esta intenção grande de integração de Bolívar. Mas isso não significa que, mantendo naturalmente nossos Estados, nossas nações, nossos povos, não possamos dar uma expressão moderna a este sonho bolivariano, que é integrar-nos a partir de nossas próprias nações e identidades.

A partir desse ponto de vista, quando comparamos o grau de integração conquistado pela Europa com o grau de integração atingido pela América, há um tempo escutei um Presidente americano falar de uma grande zona de integração, desde o Alaska até a Terra do Fogo. Isso foi há algumas décadas, e nos perguntamos: quanto avançamos? E eu, francamente, penso que fizemos muitos esforços, criamos muitas instituições, mas não avançamos o suficiente.

Vemos a enorme quantidade de instituições que temos em nosso continente: o Pacto Andino; a Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos, CELAC; o Sistema Econômico Latino-Americano e Caribenho, o SELA; o Parlamento Latino-Americano, o PARLATINO; a Aliança Bolivariana para as Américas, ALBA; a União de Nações Sul-Americanas, UNASUL; o Parlamento Sul-Americano; o MERCOSUL; o Parlamento do MERCOSUL; a Comunidade Andina de Nações; o Parlamento Andino; o Sistema de Integração Centro-Americana, SICA; a Organização de Estados Centro-Americanos, ODECA; o Mercado Comum Centro-Americano, MCCA; o Parlamento Centro-Americano, Parlacen; a Associação de Estados do Caribe; a Comunidade do Caribe, CARICOM; a Organização de Estados do Caribe Oriental e também a Associação Latino-Americana de Integração.

Temos, sem dúvida, uma imensa riqueza em matéria de instituições, no entanto, o que realmente importa não são os meios que empregamos neste esforço de integração, e sim os resultados. Eu tenho certeza da necessidade de, além do mais é

o objetivo desta Instituição, dar-nos conta de que temos que avançar em matéria de integração com muito mais vontade, rapidez, decisão e também coragem.

E isso é especialmente urgente neste mundo novo globalizado do qual falávamos há um momento.

Hoje em dia estamos vivendo uma crise. Apesar das notícias alentadoras das últimas 48 horas, referentes a um avanço e uma solução aos problemas da Europa e a uma recuperação no ritmo de crescimento dos Estados Unidos, a verdade é que tempos difíceis virão, porque não há dúvidas de que a Europa enfrenta um triplo desafio, uma tripla crise: a crise fiscal de muitos de seus países, a crise bancária e a crise do euro, e que nenhuma dessas três crises está resolvida. De fato, hoje já começaram a surgir duras críticas ao acordo que ontem era aplaudido.

Nos Estados Unidos, a maior economia do mundo, também existem problemas fiscais, problemas de comércio exterior, o país esteve a ponto de cancelar os pagamentos há alguns meses, está a ponto de encerrar seu governo por problemas de financiamento, não consegue recuperar o dinamismo.

Em 2008, quando aconteceu algo parecido na Europa e nos Estados Unidos, foi diferente, pois havia países emergentes, como a China, a Índia e boa parte do sudeste asiático, que continuaram crescendo muito, permitindo ao mundo inteiro sair com maior rapidez desse problema, particularmente a América Latina, porque, para nós, a China é mais importante do que o que a China representa para o mundo, porque é o principal comprador de muitos de nossos produtos de exportação.

Hoje em dia, é muito possível que não tenhamos essa verdadeira locomotora como a China e outros países asiáticos e, portanto, tenhamos uma espécie de tormenta perfeita, estancamento na Europa, estancamento nos Estados Unidos e perda de dinamismo das economias emergentes.

E, conseqüentemente, temos que buscar mais para dentro como nós vamos enfrentar este mundo novo, que vai nos representar muitos problemas e desafios, como os que já vivemos, a crise de 2008 e a crise de 2011. Os senhores veem que as crises são cada vez mais frequentes e são cada vez, às vezes, mais profundas.

E, por isso, penso que temos que tomar as rédeas da situação em matéria de integração.

Todos sabemos o que a integração objetiva: derrubar fronteiras, derrubar barreiras, derrubar os muros, construir pontes. Muitas vezes nós acreditamos que vamos fazê-lo pela engenharia, com a construção de uma ponte, mas construímos um muro na entrada e um muro na saída.

Surpreende-me muito que, às vezes, atravessamos um túnel, uma ponte, economizamos 20 minutos passando de um país para outro, com um enorme investimento e esforço, e nos deparamos com a aduana que nos faz perder os mesmos 20 minutos que ganhamos ao haver aproveitado uma melhor infraestrutura.

Então, a integração não é somente no terreno do comércio de bens, é em serviços, é em investimentos, é em garantir mecanismos de solução de controvérsias eficazes, oportunos, que deem a todos garantias, é também, naturalmente, e deve estender-se para a integração física, é impressionante como este é um continente que

ainda, em aspectos fundamentais, como a energia, não conseguiu se integrar. Seria uma vantagem para todo o continente poder aproveitar o benefício de um sistema energético integrado, em que os excedentes de um país podem também servir de reserva para outros, porque nem sempre coincidem os períodos de escassez ou os períodos de seca. E, no entanto, nesta matéria ainda não vemos o quadro amplo da integração.

O mesmo acontece com a integração física. Os Corredores Bioceânicos que permitem a nossos países poder aceder realmente a ambos os oceanos estão em etapa basicamente de projeto. Não conseguimos realmente, e não é somente construir o Corredor Bioceânico, é dar a esse Corredor Bioceânico um funcionamento expedito e eficaz, porque se tivermos que mudar de regras de condutores, de patente, cada vez que passarmos de um país a outro, perde-se essa unidade.

Por exemplo, no mercado aéreo latino-americano, não conseguimos aproveitar nossa força, cada um tem seu pequeno mercado. Podemos ver como os grandes mercados dos Estados Unidos e da Europa são um só, com as mesmas regras, os mesmos procedimentos, etc.

E, por isso, nesta matéria, eu penso que é muito importante alterar o ritmo e o rumo em matéria de integração, e nisso esta Instituição, ALADI, tem naturalmente toda a experiência, todo o conhecimento para ser um verdadeiro motor que impulse uma integração o mais ampla possível. Oxalá seja de todo nosso continente, e não pequenos esforços de integração que conversam pouco entre si e que inclusive não deram sequer os resultados esperados, como dizem abertamente muitos dos países que integram estas tentativas de integração sub-regional.

E uma coisa adicional. A integração da América Latina é para juntos integrar-nos ao mundo, não é para juntos desintegrar-nos do mundo. E, portanto, esta ideia de que construímos uma grande barreira com o resto do mundo e depois negociamos como vamos derrubando as barreiras entre nós é um conceito antigo, que era o que acontecia nas primeiras tentativas de integração, que era uma tarifa externa comum e depois uma negociação muito burocrática e muito política de como se repartiam, e uma indústria correspondia a um, outra indústria correspondia a outro. A concepção moderna da integração é que as forças das sociedades, das pessoas, a força da liberdade sejam o que determina os fluxos de comércio, e não a determinação de autoridades oficiais, de governos, e que, ao mesmo tempo, nossa integração seja para juntos integrar-nos ao mundo e não para juntos desintegrar-nos do mundo. Porque, naturalmente, quanto mais integrados ao mundo estivermos, maiores serão nossas potencialidades de derrotar a pobreza e o subdesenvolvimento.

Gostaria de terminar dizendo simplesmente que nisso há outro desafio: o mundo moderno está enfrentando problemas novos e as institucionalidades que temos hoje em dia, que são antigas, não demonstraram nem estão preparadas para enfrentar esses problemas. A institucionalidade mundial, a governança mundial, surgiu depois da Segunda Guerra Mundial e refletiu a realidade desses tempos.

Mas os novos problemas, o aquecimento global, a mudança climática, a proteção do meio ambiente, os problemas de coordenar melhor para ver como enfrentar as crises financeiras, como recuperar os equilíbrios macroeconômicos perdidos, as enormes assimetrias nas situações fiscais e comerciais, os gigantescos superávits em alguns países, os gigantescos déficits em outros... Como fazer com que essa

aterrissagem seja uma aterrissagem mais suave e mais coordenada, e não com tanta controvérsia.

Os problemas de como proteger o livre comércio, sobretudo hoje, quando estão surgindo enormes tentativas de proteção, como reage a crise, e todos sabemos que essa não é a resposta correta. Isso é como se, em um estádio, para ver melhor, nos empinássemos. Podemos ver melhor, mas, se todos se empinarem, ninguém vê melhor e todos estão em uma situação pior. E isso é o que ocorre, pelo excesso na forma em que reagimos frente à crise de 29, o que fizemos foi aprofundar a crise e hoje vemos grandes perigos nessa matéria.

E, portanto, sem dúvidas, requer-se uma revisão profunda das instituições. Devemos ter instituições capazes de enfrentar os problemas modernos, que já não são possíveis de enfrentar no âmbito de cada nação.

Como dizia, as questões do clima, do aquecimento global, do terrorismo, da coordenação para enfrentar situações financeiras ou econômicas difíceis... Somente é possível tratar esses temas em uma coordenação mundial, e não no nível de cada um dos países.

Acostumamo-nos, no século XX, à existência de duas potências e, portanto, entre elas as questões eram resolvidas. Depois havia uma potência e, portanto, somente essa potência podia resolver os problemas mundiais. Esse é um mundo que já deixou de existir.

Necessitamos de uma profunda renovação de nossas instituições a nível mundial e também de nossas instituições a nível latino-americano.

Eu dizia ontem que já não é um problema de cúpulas, que já temos a frente uma verdadeira cordilheira, porque temos muitas instituições e temos que repensar como integrá-las melhor, como coordená-las melhor, para que possam ser mais eficazes.

E termino dizendo que a experiência chilena em matéria de integração foi simples. Em dado momento, o Chile decidiu que tinha que integrar-se ao mundo, nesse momento éramos parte do Pacto Andino, que tinha uma tarifa externa comum e uma barreira também ao investimento estrangeiro, e quando o Chile se deu conta de que não podia mover essas barreiras, tomou uma decisão que era uma integração unilateral ao mundo e baixou unilateralmente suas tarifas de mais cem por cento a uma cifra próxima de 10%. Esse é um caminho que os países têm direito a seguir.

O outro caminho, sem dúvida, é a integração regional, participando das iniciativas promovidas pela ALADI.

Um terceiro caminho é buscar acordos de livre comércio diretamente. No caso do Chile, temos acordos de livre comércio com os Estados Unidos, Canadá, México, Comunidade Europeia, Japão, China, Coreia, Índia e muitos mais. Penso que o Chile e o México são os países que possuem os maiores tratados de livre comércio, não somente da América Latina, mas provavelmente do mundo.

Mas, sem dúvida, os esforços isolados são menos frutíferos que os esforços conjuntos e, portanto, a ALADI tem uma tremenda responsabilidade, e volto ao que dizia no começo, essa frase de Víctor Hugo de que é o tempo da integração. Não

podemos continuar postergando esse desafio. E como não conseguimos avançar com os instrumentos do passado, temos que ser capazes de ter novas atitudes e novos instrumentos que permitam a integração de nosso continente, e que, simultaneamente, facilitem a integração de nosso continente a este mundo novo, globalizado, que está batendo em nossas portas, e que nos oferece as melhores oportunidades para que este Continente, a América Latina, consiga deixar para trás o subdesenvolvimento e consiga derrotar a pobreza.

Então, penso que aqueles que estão sentados nesta Mesa, o Presidente, o Secretário-Geral, todos os países-membros desta Instituição, ALADI, sabem que a América Latina espera muito dos senhores e que os senhores têm que, como sei que o fazem, redobrar os esforços para que o ritmo, o rumo, a velocidade, o compromisso e a vontade de nossos países pela integração estejam à altura de nossos requerimentos e de nossos desafios.

Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Obrigado, senhor Presidente do Chile, por seu discurso. Gostaria de convidá-lo para assinar o livro de visitantes ilustres da ALADI.

- Assina-se o Livro.

PRESIDENTE. Gostaria de, em nome dos Representantes Permanentes e do Secretário-Geral, entregar-lhe a medalha da ALADI, agradecendo novamente pelo privilégio de sua presença e por tão estimulante discurso.

- Faz-se a entrega da medalha.

- Aplausos.

- Os senhores Representantes são convidados para o registro fotográfico.

Encerra-se a sessão extraordinária e solene. Muito obrigado.
